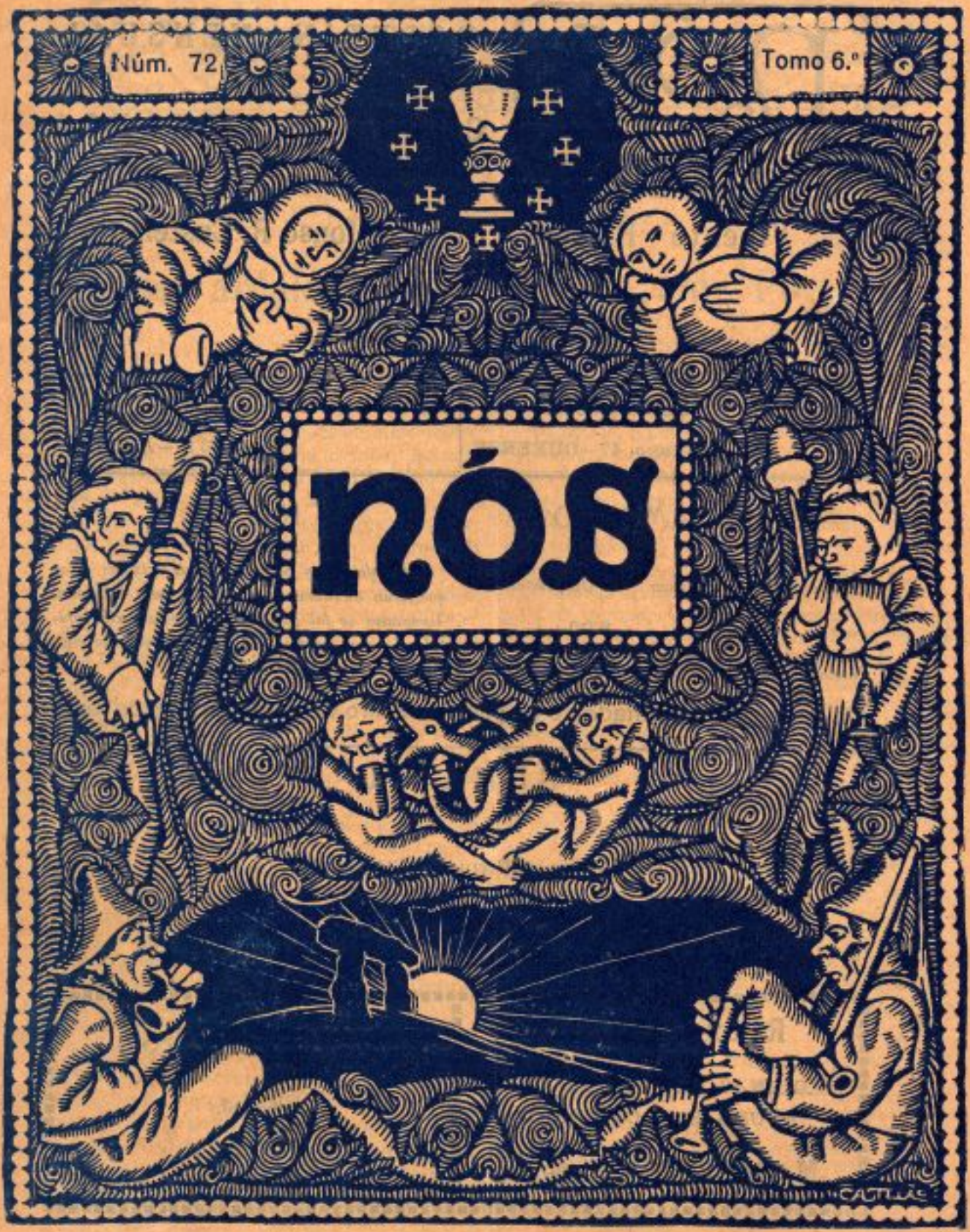
Núm. 72
Tomo 6.º
nós

nós.

BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso R. Castelao

Adeministrador
ANXEL CASAL

DIREICIÓN E REDAUCIÓN:
Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:
Real, 36 1.°—A CRUÑA

ABONAMENTO

Doce números, na Península	6'00 *pesetas.*
Fora da Península	8'00 »
Número solto	0'70 »

NOTA

Este boletín non pubricará máis orixinás qu'os que foran direitamente solicitados pol-a Direición. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redaución.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

Joias arcaicas encontradas em Portugal, I, MARIO CARDOZO.

Bocetos de Munich, POR EMILIO GONZÁLEZ LÓPEZ.

Arquivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza.

Reloxería ZENITH

MAQUINAS PARLANTES. DISCOS
AGULLAS e ACCESORIOS

M. CALVIÑO - Ourense

Vicente Risco

Abogado

Santo Domingo, 47-2.° Ourense

BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XI ★ Ourense 15 de Nadal do 1929 ★ Núm. 72

Jóias arcaicas encontradas em Portugal

Á Memória ilustre do Arqueólogo José Fortes

I

Mencionando hoje un notabilíssimo tesouro inédito de ourivesaria arcaica, aparecido em terra portuguesa, e acompanhando esta comunicação de um inventário, tão completo quanto nos foi possível realizar, de todas as jóias de caracter pre-romano encontradas em Portugal, do nosso directo conhecimento ou registadas por informações verbais e referências bibliográficas—julgamos poder prestar um concurso aproveitável aos modernos estudos da Arquelogia hispânica.

O tesouro a que nos vamos referir tem-se conservado quási desconhecido, desde a data do seu aparecimento, há cêrca de vinte anos! Consta de três peças de ouro: um crrescente, ou *lunula*, e dois pequenos discos. Está actualmente em poder do coleccionador, de Viana-do-Castelo, Sr. Serafim de Sousa Neves, o qual, em fins de 1911, comprou estas jóias a um ourives que, da cidade de Braga, costumava ir feirar na sùa indústria a Cabeceiras de Basto. Este ourives, de sobrenome Fonseca, já falecido, adquiriu numa dessas feiras as valiosas jóias d'ouro, de certo para fundir, mas, providencialmente, foram parar às mãos do antiquário Senhor Neves, que delas houve conhecimento e as guarda hoje com verdadeiro carinho. Sabe-se que o tesouro foi encontrado em Cabeceiras de Basto, ignorando-se, porém, o logar preciso desta região onde êle apareceu, ficando assim perdidos quaisquer detalhes neste sentido, que seriam preciosos.

A historia repete-se, em toda a parte. É rarissimo o achado de valores (jóias ou moedas) cujas condições de jazida se conheçam claramente, porque o afurtunado e acidental descobridor, na maioria dos casos um cavador inculto, pretende, por todos os meios, subtrair à cobiça alheia o local que a sua fantasia transforma logo em mina inesgotável, e onde calcula, portanto, virão, depois, a aparecer novas e prodigiosas riquezas. Por outro lado as inesperadas ofertas monetárias e o interêsse manifesto dos compradores, que logo surgem, pressurosos, põem o desconfiado vendedor de sobreaviso. Alvitrava Ricardo Severo que se promulgasse uma lei considerando «todos estes documentos como bens nacionais inalienáveis» (1). Emquanto isto se não realizar, o fogo continuará a destruir, no cadinho, impiedosamente, tão formosos quão raros exemplares da nossa ourivesaria arcaica, ou a prodigalidade dos coleccionadores estrangeiros os desviará para fora do país (2). Porém, o actual possuïdor do tesouro de Cabeceiras, professor aposentado de uma Escola Industrial, não é um indiví-

(1) *Portugália*.—Porto. Vol. II, p. 2.

(2) A famosa xorca de Sintra foi parar ao British Museum, porque em Portugal não houve quem desse por ela 2.000 escudos ao seu possuïdor. (Cf. *O Arq. Port.* - 1902 - Vol. VII, p. 155). Por idêntico motivo o tesouro de Chão-de-Lamas (Miranda do Corvo) foi para o Museu Arqueológico Nacional, de Madrid (Cf. *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop. Etnogr. y Preh.* 1927 - Vol. VI, p. 263), e o colar de Evora para o Museu de St. Germain-en-Laye (Cf. *The Antiquaries Journal* - 1925, - Volumen V, - p. 124).

duo boçal, um irresponsável; é um coleccionador experiente e apaixonado, com cultura bastante para compreender o interêsse arqueológico destas peças tão importantes para o estudo scientífico do nosso passado, bem como a vantagem de conservar em Portugal estes valiosíssimos monumentos da arte e da indústria primitivas. Aqui apelamos pois para a sua inteligência e patriotismo, chamando também a atenção do Sr. Ministro da Instrução Pública de Portugal, bem como do Conselho Superior d'Arte e Arqueologia e Exmo. Director dos Monumentos Nacionais para que evitem a possibilidade de tão preciosas jóias saírem dêste país, remunerando o Estado convenientemente o Sr. Serafim Neves, se delas se quiser desfazer, para darem entrada num Museu arqueológico nacional.

Até hoje, só o ilustre e malogrado Arqueólogo Dr. José Fortes teve directo conhecimento do tesouro de Cabeceiras de Basto, propondo-se a escrever e publicar uma documentada Memória sôbre êle, não chegando a realizar o seu intento porque a morte o surpreendeu. Em carta para o Sr. Sousa Neves, de 7 de dezembro de 1914, dizia José Fortes que tencionava elaborar uma monografia, em francês, trabalho scientífico «o mais perfeito possível», que viria a fazer sucesso no estrangeiro. Quis o acaso (as vicissitudes do acaso!) que fôssemos nós, volvidos quinze anos, o realizador do trabalho que a fatalidade não deixou executar ao eminente Arqueólogo. Supérfluo é dizer que nos falece a competência da sua elevada cultura scientifica; mas se, na parte dedutiva, o nosso modesto trabalho apresentar deficiências, bastará, julgamos nós, a simples descrição e a revelação destas jóias aos competentes, para realizarmos um serviço útil á sciência, tanto mais que, até hoje, depois que morreu Fortes, o Sr. Neves as não tem mostrado a outros arqueólogos, alguns dos quais apenas as conhecem por uma vaga informação. Aqui devemos, portanto, prestar o nosso reconhecimento ao Sr. Sousa Neves, bem como ao Artista-Pintor Sr. Abel Cardozo, valioso intermediário a quem o coleccionador de Viana se rendeu, por deferência e amizade pessoal, consentindo, finalmente, que fizéssemos o exame das suas formosas peças de ourivesaria pre-histórica e déssemos comunicação pública das mesmas. A sua gentileza subiu ao ponto de nos ofertar a bela fotografia, sôbre a qual se executou a gravura que acompanha êste despretencioso estudo.

Passamos a descrever, o mais minuciosamente possível, as três peças que constituem o tesouro de Cabeceiras de Basto:

LÚNULA (Fig. 1)—Consiste numa delgada lâmina d'ouro, recortada em forma de crescente, com as pontas suficientemente afastadas para darem fácil entrada a um pescoço normal, e apresentando as seguintes dimensões: diâmetro na entrada, tomado no bôrdo interno das pontas—108,5 mm; diâmetro máximo—123,5 mm; largura da lâmina, na sua parte inferior média—22,5 mm; espessura—menos de $^1/_2$ mm. Pêso exacto—47 gramas.

O crescente apresenta em cada ponta um furo de 2,5 mm de diâmetro, evidentemente para a passagem de um fio que o suspenderia à parte posterior do pescoço. Estes dois orifícios apresentam rebarbas na face posterior da lâmina, o que denota terem sido feitos com um ponteiro percutido da parte anterior para a posterior. Todavia, também no anverso da lúnula se observam ligeiros rebordos, parecendo demonstrar que, depois de praticados os furos, foram estes alargados por meio de pressão e rotação do ponteiro ali cravado.

A peça acusa nitidamente três vincos, de ter sido dobrada em quatro partes, a primeira vez ao meio, unindo assim as duas metades da lúnula pela sua face anterior, e, em seguida, cada uma daquelas metades dobrada em sentido contrário, unindo-se pela face posterior. A dobra inicial provocou mesmo um começo de fractura na superfície anterior da lúnula. O ourives a quem o Senhor Sousa Neves comprou a jóia já lha entregou desdobrada, tal como hoje se encontra; o dobramento foi, por certo, praticado pelo ignorante descobridor, para melhor a ocultar no bôlso ou na carteira, juntamente com os dois discos.

A ponta esquerda do crescente, a uma distância de 8 mm. do bôrdo extremo, encon-

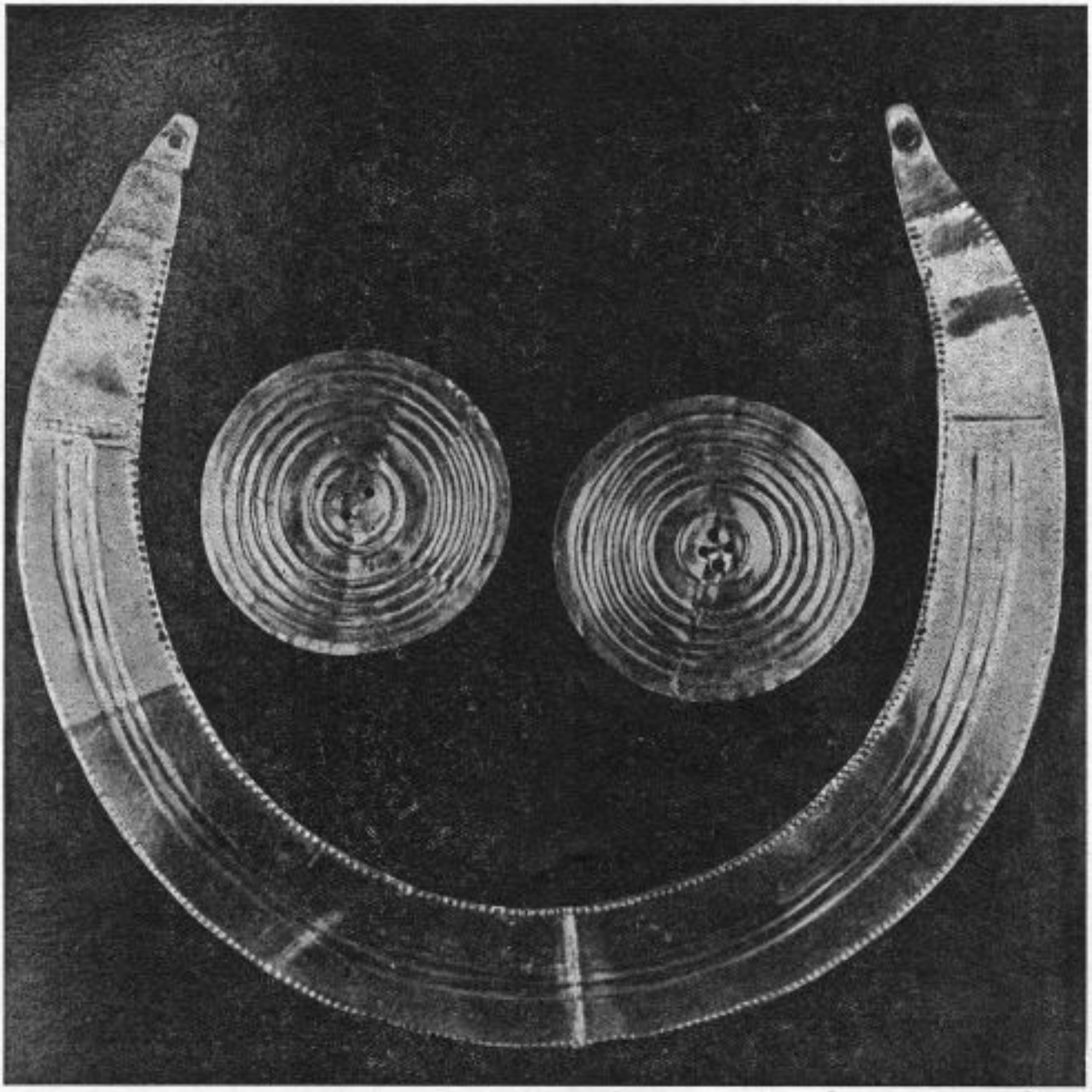

Fig. 1.—O tesouro de Cabeceiras Basto.
(Gr. nat.)

tra-se fracturada transversalmente, estando essa pequena parte separada por completo do corpo da peça, o que deixa suspeitar que tal fractura tenha sido feita intencionalmente, talvez com o sentido cauto de facultar apenas êsse fragmento ao exame do ourives, a quem mais tarde seriam vendidas todas as peças, uma vez obtida a confirmação de que eram valiosas.

O ouro, submetido a um exame *visual*, acusou o toque de 750 milésimos. O possuïdor dos objectos, com natural receio que os deteriorem, não se decidiu ainda a mandar-lhes fazer um *ensaio real*, na Contrastaria, não podendo, portanto, dizer-se a percentagem em que a prata, e outros metais, entram na liga. Apresenta uma bela côr amarela, não muito clara, característica do ouro dêste toque, e o metal é maleável, se bem que manifeste uma certa resistência, que o fez estalar pela dobra sofrida.

A ornamentação da lúnula é extremamente simples: apresenta nos bordos interno e externo uma linha de pontos relevados, percutidos pela face posterior, a punção acuminado, assente prèviamente a lâmina, talvez sôbre uma placa de chumbo (1). Estes dois cordões de pontos levantados ligam-se, em cada extremidade da lúnula, por uma linha transversa dos mesmos pontos, à distância de uns 13 mm. do centro dos orifícios terminais. A uma distância de cêrca de 32 mm. para a parte inferior destas linhas transversais ou radiais apresentam-se outras duas linhas de pontos, com a mesma orientação, ladeada cada uma por duas caneluras, também levantadas pela parte posterior. Foi assim a superfície ornamentada da peça dividida em três zonas, sendo duas pequenas, terminais, e ocupando a terceira tôda a parte média, pelo centro da qual correm, no sentido longitudinal da lúnula, três caneluras relevadas. Estas caneluras não se apresentam de uma continuïdade perfeitamente uniforme, mostrando antes o deslize incerto de um cinzel ou ponteiro boleado, corrido à mão e fortemente premido sôbre a lâmina.

Tôdas as peças, tanto a lúnula como os discos, estão polidas e brilhantes, na face anterior, e fôscas na parte posterior. Esta polidura desvaneceu, naturalmente, os vestígios da percussão do martelo, que os objectos sofreram, na laminação à bigorna, notando-se, todavia, na face posterior certas imperfeições que podem, talvez, atribuir-se à martelagem (1).

DISCOS (Fig. 1).—São dois, como dissemos, os discos do tesouro de Cabeceiras, formados por lâminas ainda mais delgadas que a lúnula, pois apresentam uma espessura que varia desde 1/3 a 1/4 de milímetro. São aparentemente iguais, no pêso e no tamanho, apresentando, porém, certas diferenças que a simples vista não acusa de pronto. Para nos referirmos a tais desigualdades mencionaremos, desde já, uma circunstância que nìtidamente os distingue—o facto de um dêles apresentar, na zona central, dois orifícios de 1,5 mm. de diâmetro, distanciados de 3,5 mm, e o outro mostrar quatro orifícios semelhantes, também no centro, dispostos crucialmente. Todos estes orifícios apresentam rebarbas na parte posterior das placas, tendo, portanto, sido praticados a ponteiro, do anverso para o reverso.

O disco que apenas contém dois orifícios mede, no diâmetro que passa pelo centro dos mesmos, — 49 mm, e, num diâmetro perpendicular a êste, — 48 mm; acusa o pêso exacto de 4,9 gramas. O disco dos quatro orifícios mede, no diâmetro que passa pelo centro dos dois furos mais afastados, — 48 mm, e, no diâmetro que passa pelo centro dos dois mais juntos— 49,5 mm; pesa 5,2 gramas.

A ornamentação dêstes discos consta de sete círculos concêntricos, praticados em canelura relevada. No disco dos dois orifícios, agrupam-se cinco círculos maiores, e, após uma zona plana de cêrca de 3 mm, levantam-se os dois menores. O outro disco apresenta um agrupamento de seis círculos

(1) Vidi H. Schliemann.—*Micènes*.—Paris- 1879 - p. 245.

(1) Parece-nos arriscado atribuir a laminagem, em tão recuados tempos, a outros processos mecânicos que não sejam o martelo e a bigorna (Cf. *Revue Celtique*-1900-Vol. XXI, p. 168-nota 6). O *laminador* pròpriamente dito é uma descoberta recente, de meados do sec. XVI.

separados do último, o menor, por uma zona lisa, igualmente de cêrca de três milímetros de raio. Vê-se pois ter havido a intenção manifesta de dar a cada disco o número exacto de sete círculos. A técnica é a mesma das caneluras longitudinais e transversas da lúnula.

Pêso total das três peças — 57,1 gramas.

***

Se é certo que, presentemente, desconhecemos as condições de jazida dêste importantíssimo achado, cujas peças acabamos de descrever, ignorando se estavam depositadas numa sepultura por inumação ou num simples esconderijo, encontrando-se assim perdido, talvez para sempre, um inestimável indicador para a fixação de interessantes dados etnográficos, não é menos certo que o seu tipo, a técnica e a sua analogia com objectos similares, estranhos á Península Ibérica, nos ajudam a estabelecer, com muita segurança, a data a que pertencem estes milenários componentes ornamentais da velha indumentária lusitana.

Até hoje, nas estatísticas relativas ao aparecimento de *lunulae*, ou crescentes, no Ocidente da Europa, não se encontra incluida a Península Ibérica. William Frazer (1), Reinach (2), Costa de Beauregard (3), G. Coffey (4), Déchelette (5) e, recentemente, W. Bremer (6) não citam as lúnulas actualmente conhecidas como provenientes da Hispânia, uns porque, à data da publicação dos seus trabalhos, ainda elas não estivessem descobertas, outros, posteriormente, porque desconheceram a sua existência ou as não consideraram integráveis na Época do Bronze, a que geralmente pertencem tais jóias. De facto, entre as quatro lúnulas aparecidas na Península (anteriormente ao achado de Cabeceiras), devem as duas de prata, de Chão-de-Lamas, ser consideradas, segundo o Senhor Cabré Aguiló, não só posteriores, talvez, ao sec. I a. C. (1), portanto já do final da 2.ª Idade do Ferro, mas ainda como artefactos de importação do Norte da Europa, sobrevivências do característico adôrno do primeiro período do Bronze. A terceira lúnula, de ouro, achada em Viseu, reproduzida no trabalho do Sr. Aguiló sôbre o tesouro de Chão-de-Lamas, é absolutamente semelhante, pelo tipo, técnica e ornamentação, a uma das de aquele tesouro, recebendo, portanto, naturalmente, a mesma data. Finalmente, a quarta, de Allariz (Galiza), não se sabe onde pára actualmente, nem o péssimo desenho que dela nos resta em Barros Sivelo (2), sem indicação de dimensões, etc., nos autoriza a classificá-la como um colar do tipo geral das *lunulae*, e, muito menos, a atribuir-lhe uma data provável. Porém, a lúnula de Cabeceiras, agora conhecida, é, indiscutivelmente, um autêntico adôrno da Idade do Bronze, contemporâneo da expansão desta jóia de origem irlandesa na Gran-Bretanha, Noroeste da França, Norte da Alemanha e Escandinávia.

A mais recente distribuição das lúnulas, dada por Bremer, não difere muito da estabelecida por Déchelette, prova que os achados não teem sido freqüentes nos últimos anos. Acusa um total de 88 crescentes, assim repartidos geogràficamente: Irlanda — 69; Cornualha, País de Gales e Escócia 9 (3); No-

(1) *The Journal of the Society of Antiquaries of Ireland*-1897-98, 5.ª série-tomo VII, p. 16 e segts.

(2) **Salomon Reinach.**—«Les Croissants d'or irlandais», in *Revue Celtique*.—Paris-1900-Vol. XXI, p. 74 e segts., 167 e segts.

(3) *Compte-Rendu du LXII Congrès Arch. de France*-Beauvais. 1905.

(4) **Georges Coffey.**—*The distribution of gold lunulae in Ireland and Nord-Western Europe*.—Proceedings of the Royal Irish Academy-XXVII (1907-9), p. 251 e segts.; XXX (1912-13), p. 449 e segts.

(5) **J. Déchelette.**—*Manuel d'Archéologie*-Vol. II, p. 354.

(6) **W. Bremer.**—Art. «Lunula», in *Reallexikon der Vorgeschichte*.—Berlim. Vol. VII (1926), p. 321.

(1) **J. Cabré Aguiló.**—«El tesoro de Chão de Lamas», in *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop. Etnogr. y Prehi.*-1927, Vol. VI, p. 285 e 289.

(2) **Ramón Barros Sivelo.**—*Antigüedades de Galicia*-1875-Coruña. Fig. 19.

(3) Sobre as lúnulas das Ilhas britânicas cf. também as seguintes obras: **W. R. Wilde.**—*Cat. of the antiquities of gold in the Museum of the Royal Irish Academy*-Dublin, 1862-p. 10-19; **Armstrong.**—*Cat. of irish gold ornaments in the collection of the R. Irish Academy*-Dublin. 1920-p. 9 e segts.; **C. H. Read.**—*British Museum. A guide to the antiquities of the Bronze Age*-1904-p. 145 e segts.

roeste da França — 6 (1); Bélgica — 1; Alemanha — 1; Ilhas dinamarquesas — 2 (2). Deve pois acrescentar-se a êste inventário mais 4 de Portugal e 1 de Espanha, ou, pelo menos (se considerarmos exclusivamente as lúnulas da Idade do Bronze), 1 de Portugal —proveniente de Cabeceiras de Basto.

¿O que autoriza a incluir esta lúnula portuguesa na Idade do Bronze? Primeiramente a sua analogia com o tipo de certas lúnulas desta Idade; e, em segundo logar, a sua técnica flagrantemente aproximada da técnica empregada no diadema de Brêa (Alto-Minho), estudado por José Fortes, com meticuloso rigor scientifico (3), e classificado no início da Idade do Bronze.

As lúnulas, na sua maioria, especialmente as aparecidas na Irlanda ou de proveniência irlandesa, são minuciosamente decoradas pelo anverso, não só nas duas extremidades, mas por toda a extensão do bôrdo interior e exterior, com os característicos motivos geométricos que, desde a cerâmica eneolítica do vaso campaniforme, persistiram através da Idade do Bronze: triângulos, dentes de serra, quadrícula, chaveirões, etc. (4), agrupados em distintas zonas. Esta ornamentação, bem patente em três das mais notáveis joias arcaicas de Portugal—as pesadas xorcas d'ouro, de Sintra, Penela e Evora (1), é, nas lúnulas irlandesas, quási sempre executada a buril, finamente gravada, e só raras vezes a punção. Sendo pois estes *motivos* arcaicos inteiramente semelhantes aos da cerâmica típica dos primeiros tempos da metalurgia, em toda a Europa Central e Ocidental, devem, por êste indículo, segundo Reinach, colocar-se os crescentes dêsse tipo numa época anterior, pelo menos, ao ano 1000 a. C. (2). Ocorre lembrar aqui, todavia, como restrição a possíveis afirmações demasiadamente categóricas em questões de cronologia, que uma tal ornamentação persistiu, como sensatamente o fez notar Martins Sarmento (3), até aos tempos históricos, em determinadas regiões: «A cerâmica da Lusitânia, a julgar pelos achados de Sabroso, Citânia, Castro d'Areosa, etc. empregava, ao tempo da conquista romana, os mesmos ornatos que se encontram nos objectos de bronze e nos objectos de barro das cidades lacustres da Suissa, a algumas das quais Mr. Gross (4) atribui uma antiguidade quási fabulosa».

Porém, a lúnula de Cabeceiras está longe de ostentar essa exuberância e perfeição ornamental dos crescentes irlandeses, oferecendo mais claras afinidades, pela sobriedade da decoração e pelo trabalho em relêvo

---

(1) As lúnulas francesas pertencem às seguintes localidades: Tourlaville, Valognes e Montebourg (Mancha), St. Potan (Côtes-du-Nord), Nesmy e Beurneau (Vendea). A mais citada é a de St. Potan, descoberta em 1890. Sobre ela cf. **Paul du Chatellier.**—«Diadème de St. Potan», in *Bull. Soc. Arch. Nantes*-1892, e «*Ornement de tête en or découvert à Saint Potan*»-Vannes, 1892; **G. Mortillet.**—«Bijou en or des Côtes-du-Nord», in *Revue mensuelle de l'École d'Anthrop. de Paris*-1893, p. 339. As três da Mancha desapareceram (Cf. **Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 95 e *L'Anthropologie.*—Paris-tômo V-1894, p. 205-206). Sôbre as da Vendea, a primeira descoberta em 1759 e a segunda em 1833, também perdidas actualmente, cf. *Revue Arch.*-1879-Vol. II, p. 254 e 255.

(2) A lúnula alemã é de Schulenburg (Hannover), e as da Dinamarca, no Museu de Copenhague, são de Skovshoirup (Fiónia) e de Grevinge (Seelândia). Cf. *Mannus, Zeitschrift für Vorgeschichte.*—Würzburg-1912-IV, p. 70.

(3) **José Fortes.**—«A sepultura da Quinta da Água Branca», in *Portugália*-Vol. II, p. 241 e segts. Vertido em francês na *Revue Préhistorique*-1906-n.º 5, trabalho que foi considerado pelos Redactores desta Rev. como um modêlo de observação e investigação arqueológica.

(4) Ornamentação semelhante apresentam certos machados de bronze, chatos, de um tipo freqüente nas Ilhas britânicas, no 1.º período do Bronze, especialmente na Irlanda, os quais aparecem também na Escandinávia e Alemanha do Norte, como artigos de importação. Um dêsses machados, proveniente da Dinamarca, ostenta uma decoração absolutamente igual à de algumas placas funerárias, do Eneolítico em Portugal (os chamados *ídolos-placas*). Cf. **Déchelette,** *Ob. cit.*-Vol. II, p. 256 e 257; **J. Evans.**—*L'Age du Bronze.*-Paris-1882-p. 47 e segts.; **O. Montelius.**—«Zur Chronologie der Ältesten Bronzezeit in Nord-Deutschland und Scandinavien», in *Archiv für Anthropologie*-Vol. XXV (1898) e XXVI (1899). Brunswick.

(1) Cf. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*-1883-Vol. IV, p. 62, e 1896-Vol. VII, p. 77; *The Antiquaries Journal*-1925-Vol. V-n.º 2, p. 123 e segts.

(2) **Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 81. **Déchelette** coloca-os no final do Bronze-I, portanto, cêrca de 1900 a. C., segundo a sua divisão cronológica (Cf. *Ob. cit.*-Vol. II, p. 105). Em Harlyn, perto de Padstow (Cornualha), apareceu, a cêrca de 2 metros de profundidade, um machado chato, do início do Bronze, associado a duas lúnulas (Cf. **Evans.**—*Ob. cit.*-p. 46), achado que precisa a data dêste tipo de jóias.

(3) **F. Martins Sarmento.**—«A argola encontrada em Penela», in *Novidades*, jornal de Lisboa-1885-Jan.º, n.º 8 e 9; transcrito in *Notícias de Penela.—Apontamentos históricos e arqueológicos.* Monografia de **Delfim de Oliveira.**—1886-p. 231.

(4) **Victor Gross.**—*Les protohelvètes*-Paris-1883.

e ausência da gravura, com outros tipos de *Iunulae*, considerados imitações adequadas ao gôsto e cultura regional do país a que pertencem, e não objectos de importação directa, produto das relações do comércio externo (Fig. 2). Referimo-nos a uma das lúnulas dinamarquesas, que apresenta apenas como simples decoração um conjunto de linhas paralelas acompanhando o contôrno da jóia (1); à de Schulenburg (Hannover), que, semelhantemente, apresenta apenas três fios, marginando o bôrdo interno, e dois no bôrdo externo (2); finalmente, a uma outra, escocesa, de Southside (Lanarkshire), decorada com a mesma simplicidade (3). Teem sido, como dissemos, estas lúnulas consideradas simples imitações, cuja pobreza decorativa se pode atribuir, a nosso ver, tanto a um determinado gôsto ou tendência local, como à imperícia dos *aurífices* em repetirem os desenhos hàbilmente gravados nos exemplares de Irlanda e Noroeste da França, estes últimos inteiramente iguais aos irlandeses (4), e, por isso mesmo, tidos como importados directamente das Ilhas britânicas para o território continental fronteiro (5). Igualmente o contôrno geral dos crescentes que acabamos de citar se assemelha mais ao recorte da lúnula de Cabeceiras de Basto do que à forma usual das lúnulas irlandesas; isto é, a largura da zona média inferior dos crescentes irlandeses é, em geral, dupla, tripla e por vezes quádrupla da largura da zona correspondente nos seus similares de imitação estrangeira. Porém, o toque de 750 milésimos dos objectos do tesouro de Cabeceiras, relativamente baixo, aproxima-se mais do toque usual das jóias arcaicas irlandesas, que variava entre 18 e 21 quilates (6), do que do empregado até noutras jóias portuguesas, do mesmo período, que revelam maior percentagem de ouro.

(1) **Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 80, fig. 4.

(2) Cf. *Reallexikon der Vorg.*—Art. cit.-Est. 213.

(3) **Daniel Wilson.**—*Prehistoric Anals of Scotland.*-Londres-1863-Vol. I, p. 468, fig. 92.

(4) **Déchelette.**—*Ob. cit.*-Vol. II, p. 354.

(5) **Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 80.

(6) Cf. **W. R. Wilde.**—*Ob. cit.*-p. 4. A liga da prata com o ouro era conhecida desde os primeiros tempos da metalurgia (Cf. *Portugália*, II-p. 246, e **E. da Veiga.** — *Antiguidades Mon. do Algarve*-Vol. IV, p. 192).

Como quer que seja, todas as conexões entre a lúnula de Cabeceiras e os originais irlandeses, ou as imitações nórdicas, não invalidam nem dissipam, no exemplar português, o ar tìpicamente indígena e inconfundível, característica notável de quási toda a obra d'arte primitiva executada na Península, particularmente de ourivesaria (1). Já no processo de suspensão, com seus orifícios extremos para passar um fio ou atadura que a suspenderia ao pescoço (2), transparece nesta lúnula uma inabilidade técnica, uma imperícia que a distingue marcadamente não só das lúnulas estranhas à Península Ibérica (as quais ostentam, por vezes, nas extremidades pequenas placas ou discos, que certamente serviriam de fecho, dispostos em sentido perpendicular ao plano da própria lúnula e praticados pela torsão dessas mesmas extremidades) (3), mas a separa também, por completo, das sobrevivências de Chão-de-Lamas e Viseu (e, talvez, de Allariz), com suas pontas terminadas em cabeça de serpente estilizada ou em botões piriformes, semelhantes aos de certos colares rígidos do chamado tipo galaico. As extremidades da lúnula de Cabeceiras, e seu conseqüente modo de ajustamento ao pescoço, marcam como que a primeira fase de uma série tipológica que evolucionasse pelas pequenas placas terminais das lúnulas britânicas, passando finalmente às formas apresentadas nos dois crescentes de Chão-de-Lamas e no de Viseu. Por outro lado, a técnica do relevado das jóias de Cabeceiras acusa a mesma escola do diadema de Brêa; tal como a lúnula, o diadema é decorado por uma série marginal de pontos

(1) Cf. **Cabré Aguiló.**—*Ob. cit.*-p. 272.

(2) Que as *lunulae* eram adornos do pescoço, usados à maneira de colares, parece indiscutível. Wilde, Mortillet, Paul du Chatellier e Frazer tomaram-nas por ornamentos da cabeça; segundo êste último, dispostas no cabelo à maneira dos diademas usados pelas imperatrizes romanas; sôbre as orelhas, segundo Wilde; sôbre a nuca, envolvendo o rôlo dos cabelos, na opinião de Chatellier. Todas estas hipóteses são mais ou menos insubsistentes.

(3) A de Valognes apresentava numa das pontas um gancho e na outra uma pequena cadeia (Cf. **Reinach,** *Ob. cit.*-p. 96). Muitas das lúnulas britânicas terminam simplesmente em pontas agudas (*Ibid.*-p. 77 e 79, fig. 3).

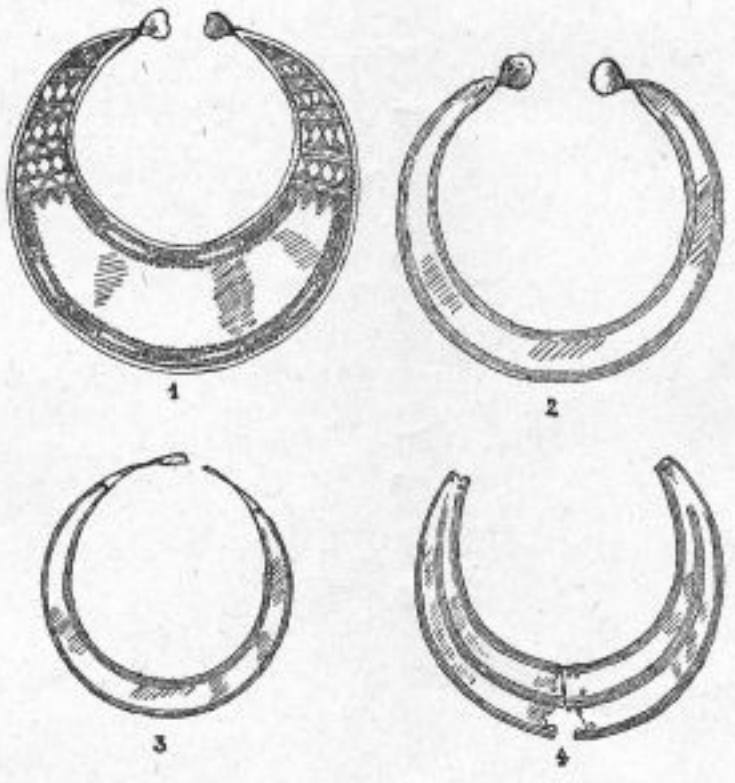

Fig. 2.—CRESCENTES DE OURO (1/5 a 1/6 DA GR. NAT.)
1, IRLANDÉS;—2, ESCOCÉS; 3, ALEMÃO;—4, DINAMARQUÉS.

levantados pelo reverso, enquadrando caneluras centrais. O relevado de pontos e linhas constituía o *motivo* ornamental mais singelo aliado ao mais simples processo técnico de trabalho. A maleabilidade do ouro nativo, geralmente empregado nas mais antigas jóias, prestava-se a esta execução, bem como à fina laminagem, condição essencial para a prática do relevado. O trabalho a buril dos artistas irlandeses exigia, sem dúvida, mais segura e hábil mão.

O uso das lûnulas na Europa, originário por certo da Irlanda, propagou-se, nos começos do Bronze, aos países com os quais ela comerciava, e, entre êsses, a Ibéria. O achado de Cabeceiras veio assim dissipar uma lacuna que, de certo modo, existia nas manifestas e antiqüíssimas relações directas, por via marítima, entre a Península e aquela Ilha britânica. José Fortes escrevia, em 1906, a propósito dessas primitivas relações comerciais, atestadas em vários factos, tais como—o aparecimento de objectos da indústria lítica, comuns aos dois países, nomeadamente as pontas de seta losângicas; a construção e tipo dos dolmens; as flagrantes afinidades artísticas; a velha tradição irlandesa de que uma parte da população que primitivamente povoara o país partira da Ibéria; o uso da alabarda de bronze, característico produto da cultura hispânica de 1.º período do Bronze (1), etc., escrevia José Fortes que, a-pesar de tantas e tão flagrantes conexões, era surpreendente que nem um só objecto d'ouro de proveniência ou tipo irlandês, nem uma dessas características lûnulas, tão abundantes na Hibérnia, tivesse sido encontrada na Península. E atribuía êste facto (com reserva e circunspecção) à primitiva abundância do ouro na Ibéria, que, portanto, a si própria se bastaria na expansão e comércio dos artefactos desta indústria (2). O tesouro de Cabeceiras, cujo estudo lastimamos hoje que José Fortes não tivesse chegado a efectivar, pelas valiosas e sábias lições que nos deixaria, veio assim, repetimos, esclarecer êste ponto escuro e confirmar, com mais uma prova irrefutável, a existência das velhas linhas de expansão comercial da Península e a sua notável cultura primitiva. Estas longínquas relações de comércio, e até possíveis afinidades raciais com a Irlanda e sul da Gran-Bretanha prolongaram-se, num decurso de muitos séculos; factos incontroversos mostram que a civilização destas regiões, tão afamadas na antiguidade principalmente pela sua riqueza aurífera era sensìvelmente a mesma. Ainda recentemente, numa notáve Memória apresentada à Sociedade dos Antiquários de Londres, o Sr. Thurlow Leeds, após uma viagem de estudo pelo Noroeste da Península Hispânica, em 1921, tendo visitado atentamente alguns castros do N. de Portugal e Galiza, nos deu um vivíssimo quadro retrospectivo desta seqüência de relações comerciais e culturais, desde o século VI a. C. (data provável da irrupção celta na Ibéria e seguidamente nas Ilhas britânicas) até final da 2.ª Idade do Ferro (1).

Os dois discos que acompanhavan a lûnula de Cabeceiras seriam, talvez, dispostos simètricamente, cosidos às roupagens (2), sôbre os seios de mulher inumada (3). Discos de aplicação certamente idêntica apare-

(1) Cf. **H. Schmidt.**—*Estudios acerca de los principios de la Edad de los metales en España.*-Trad. de Bosch Gimpera-Madrid-1913.

(2) **José Fortes.**—«La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre.-Étude sur les relations antéhistoriques de l'Ibérie avec l'Irlande», in *Revue préhistorique*-1906-n.º 10 (Cf. p. 14 da Separata).

Se bem que o ouro abundasse na Peninsula Ibérica, onde, segundo Plínio (*Nat. Hist.*-XXXIII. 21), num só ano, se extraíram das Astúrias, Galiza e Lusitânia, quantidades ao pêso total de 20.000 libras, o certo é que a primeira fonte aurífera da Europa Ocidental, nos tempos primitivos, foi a Irlanda, cujas minas, aliás, se encontrariam esgotadas por volta do sec. V a. C. (**Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 172).

(1) **Thurlow Leeds.**—«Excavations at Chun Castle, in Penwith, Cornwall»-Separata de *Archaeologia*-Vol. LXXVI-1926. Para o estudo das primitivas relações da Peninsula Hispânica com a Irlanda cf. também os trabalhos de J. Loth, Breuil, Bosch Gimpera, Cuevillas-Brey, Garcia Romero, Federico Maciñeira, Murguia, etc.

(2) **Déchelette.**—*Ob. cit.*-Vol. II, p. 346.

(3) Esta hipótese é tanto mais aceitável quanto é certo que a lûnula, que acompanhava os discos, pertence à classe dos adornos exclusivamente femininos (Cf. **Reinach.**—*Ob. cit.*-p. 96 a 97.

ceram em Bensafrim (Algarve) (1) e Condeixa-a-Velha *(Conímbriga)* (2), os quais teriam sido pregados às vestes mortuárias ou simplesmente depostos sobre o corpo do defunto, como apareceram os discos áureos, admiràvelmente ornamentados, recolhidos por Schliemann, em grande quantidade, num dos túmulos da Acrópole de Micenas (3). Pequenas placas losanguiformes, de técnica semelhante, depositadas no Museu do Louvre e provenientes de Salonica, admite-se que seriam colocadas sôbre a bôca do morto (4).

Os círculos concêntricos, pretensa degenerescência da espiral *(debased spiral)*, ou, segundo outros, origem da espiral, igualmente vulgares, como os ornatos já referidos a propósito das lúnulas irlandesas, na cerâmica e outras peças da Idade do Bronze, são, porém, raríssimos na Irlanda em objectos metálicos, como nos mesmos objectos a verdadeira espiral é desconhecida, antes da Idade Média, se bem que, de remota antiguidade, ali apareça gravada em monumentos de pedra (5).

Constituiam os círculos concêntricos, além de motivo ornamental, uma das usuais representações solares, figuradas em diversos objectos do período do Bronze (6). O culto do Sol, como o da Lua, foi praticado na Península Hispânica desde os tempos pre-históricos até à romanização, pois em muitas lápidas sepulcrais hispano-romanas se vêem ainda insculpidos os correspondentes símbolos astrolátricos (7). Na Serra de Sintra, que era chamada a Serra da Lua (1), praticava-se outrora êste culto astral (2). No Noroeste da Ibéria a lua-cheia era, segundo Strabão (3), festejada com danças rituais.

Da presença dêstes factos é lícito suspeitar que as jóias da espécie das de Cabeceiras de Basto, praticadas em finas lâminas d'ouro, como as de Hissarlik-II, podiam muito bem ter, pela sua delicadeza, uma aplicação meramente funerária, e, pela sua forma astral, um sentido votivo religioso, tanto mais que na Ibéria existiam grandes relações entre a necrolatria e a astrolatria (4). Na verdade a precária resistência destas jóias, reduzidas a uma débil fôlha metálica, não era de molde a um uso corrente e prolongado. As faixas da cabeça ou diademas arcaicos, do tipo do de Brêa, são igualmente reputadas por alguns como jóias de aplicação exclusivamente funerária, obedecendo talvez a ritos determinados, com um significado religioso.

Eis as resumidas ilações de caracter etnológico e etnográfico que os nossos minguados recursos puderam tirar do exame comparativo e do estudo atento do tesouro de Cabeceiras. Se tais ilações fôrem erróneas ou deficientes, aqui ficam, pelo menos, revelados ao estudo de melhor e maior autoridade estes formosos exemplares, em cuja importância é inútil insistir mais, e que durante tanto tempo se mantiveram ignorados da sciência arqueológica. Possam eles, em curto prazo, dar entrada num Museu português, ficando assim ao abrigo de um possível desaparecimento ou deslocação para o estrangeiro.

MÁRIO CARDOZO

(Continua)

---

(1) Êste disco tem o diâmetro de 36 mm. e o pêso de 1,2 gramas Cf. Art. de **Santos Rocha** «Estudo sôbre um arte facto pre-romano de ouro descoberto no Algarve», in *Bol. da Sociedade Arch. Santos Rocha*-Vol. I, n.os 2-p. 64 a 67, est. III.

(2) Êste disco, em ténue fôlha de ouro, tem 39 mm de diâmetro, e está aplicado sôbre bronze. O uso de tal processo técnico remonta na Ibéria a uma grande antiguidade (Cf. **Déchelette.**—*Ob. cit.*-II, p. 364). **Vergilio Correia**, no seu art. «Conimbriga», in *Arq. Port.*-Vol. XXI, p. 261, reputa esta peça dos principios da 2.ª Idade do Ferro.

(3) Cf. **Schliemann.**—*Ob. cit.*-p. 246 a 252, figs. 289 a 292.

(4) **A. de Ridder.**—*Catalogue des bijoux antiques (Musée du Louvre)*.-Paris-1924-p. 10, n.º 101 e 108, e Pl. II.

(5) Cf. **James Fergusson.**—*Rude Stone Monuments*.-Londres-1872-p. 213 e segts.; **G. Coffey.**—*Origins of prehistoric ornament in Ireland*.-Dublin-1897.

(6) Cf. **Déchelette.**—*Ob. cit.*-II, p. 439.

(7) Cf. **J. Leite de Vasconcelos.**—*Religiões da Lusitania*.-Vol. I, p. 108 e segts.; vol. III, p. 239, e 406 e segts.

(1) Cf. **Ptolemeu.**—*Geogr.*-II, 5:

(2) Cf. **Leite de Vasconcelos.**—*Ob. cit.*-Vol. I, p. 105 e segts.; vol. II, p. 26 e 217 e segts. Em Sintra aparece a célebre xorca, hoje no British Museum, que afecta a forma geral de um crescente lunar, e é como que um produto da evolução das primitivas lúnulas planas, numa tendência sumptuária mais faustosa e complicada. Crescente a consideron **Villaamil y Castro** (Cf. *Bol. de la Com. de Mon. de Orense*.-Vol. III, p. 125), e **Pierres Paris.**—(*Essai*.-II, p. 244). Compare-se com uma jóia de bronze, similar na forma, proveniente da Dinamarca, figurada em **Déchelette.**—(*Ob. cit.*-II, p. 397, fig. 142-2).

(3) **Strabão.**—*Geogr.*, 164.

(4) **Leite de Vasconcelos.**—*Ob. cit.* - Vol. p. III 243.

BOCETOS DE MUNICH

A PERSPECTIVA

O Isar, o río bávaro baixa fungando dos Alpes entre penedos verdecentes cubertos de lamigueiros. As augas azues refrexan os picoutos das casas cativas pintadas con lêndas biblicas, as casas que nas esquinas sosteñen estátuas simbólicas. Sobor a ribeira érguese o mar de tellados puntiagudos de Munich, e por riba dos tellados inmensas, xigantes, as fumieras das fábricas de cerveza; e alá, ô carón das nubes trubadas, outas, semellantes a boks de cerveza invertidos, tan verdes como a paisaxe, as duas torres da cadeiral.

Ô fondo cheos de neve os Alpes vixiantes, que teñen os pés metidos nos lagos tranquíos. Ô redor da cibdade centos, miles de arbres.

O sol casique sempre está escondido e brila timidamente tras unha nube.

O ambente é húmido.

A VILA

No corazón da vila está chantada unha casa gótica. Na sua parede anidan as estátuas dos vellos guerreiros e na sua torre â mañá ô dal-as doce dous esforzados cabaleiros rifan diante dos Principes bávaros, namentras embaixo unha roda de toneleiros baila a danza tradizonal da cibdade. É a casa do concello. A seu arredor na praza de María hay unha dúcia de casas picudas pintadas con lêndas e frores que son o anaco mais enxebre da vila.

Â praza de María van a dar todal-as grandes rúas da cibdade antiga: Neuhauser, a rúa dos restorás e cervecerías de longas fenestras de vidros abafados; a Theatiner, das tendas elegantes; a Thal onde se move un mundo de cativos vendedores, etc.

Non lonxe da praza escomenza a vila nova, feita pol-os reises artistas da Baviera que no século derradeiro souperon imitar concenzudamente as belezas arquiteitónicas de Italia. A rúa do Rei Luis longa e ancha é unha exposición permanente de copias de edificios italiás, especialmente de Florencia; copias que souperon acougar tan ben no ambente agradable de Munich que hoxe semella ser propio o que é alleo. E cecais pode decirse que a beleza especial que se atopa en Munich enraigumase en parte n'istes edificios importados.

Na periferia da vila os rueiros do estilo novo da Arquiteitura xeométrica e simple e pequenas cibdades xardís.

O POBO

O tipo enxebre bávaro é un home barudo con unha boa panza que leva na testa un chapeu verde e cativo adornado c'unha pruma de pato salvaxe, viste un traxe tamén verde, de chaqueta curta e un pantalón que non lle chega ás canelas.

Este tipo enxebre é o labrego. Mais en Munich estudantes, empregados, tendeiros etcétera visteno. Eu vin un Profesor ataviado de tal xeito rubido a unha bicicleta atravesal-a vila.

En Munich visten de labregos os artesás. E iste trastocamento do traxe correspondese con certo esprito campesiño que atópase nas cibdades bávaras. En Munich que ten perto de 800.000 habitantes síntese o campo no medio da vila. Cecais n'isto consista a sua xeitosidade tan gabada, a tan soada *gemütlichkeit* que comparte con Viena.

A POLÍTICA

En Baviera fálase unha especial língoa xermánica. Fala nasal como o francés. O bávaro está contento co seu falar e sinte por il emoción. Si un prusiano escoita a un bávaro falar na sua língua afina o seu ouvido e sorrí; a sua sorrisa quer decir: iste home alemán ten un falar que non entendo, pero non soa mal. É como si escoitara unha música distinta â sua, mais amiga. A posición d'un prusiano frente a língua bávara é de compresión, mui lonxe da do español que ô escoitar unha fala peninsular coida que quenes a falan pretenden molestal-o personalmente e a fala cousa digna de cás.

A vila é social-demócrata o agro rexonalista, nemigo de Berlín. Mais Baviera unha vegada fixo unha revolución e a revolución foi comunista.

EMILIO GONZÁLEZ LÓPEZ

Arquivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza

En Ocero (mal castellanizado, pois debera ser Urzero o Urcero, de Urzeiro: monte uces o uzes), aldea situada ao norte do Bierzo faise o xogo que indica a Revista NÓS (número 66, tomo 6) co nome de «A Porca», pero en Ocero leva o nome de «A cocha», xogándose en igual forma.

O biolo.

É tamén unha pedra como «A cocha»; fanse cinco raias n-un campo como de «futbol»; na raia do centro ponse «O biolo», e dous xogadores ponse cada un co seu pau e péganlle con il cal si fose unha pelota fan o mesmo traballo, e cando pasa unha raia dos estremos, anótase un tanto. Xógase no Outono, nos prados de propios, pero cando o gando anda a «rella revolta» (cando as reses de cada un poden pacer nas leiras dos demais donos).

As chetas.

Outro xogo moi común é o das «Chetas», xogo de rapazas, que faise por medio de cinco pedriñas. (Xógase no Primaveira).

O cinto queima.

Xogo de mozos e rapaces, pol-o Inverno, âs noites de xelada (xeada). Fan un circo de mais de media dúcia (poden ser menos), cantos mais mellor, collidos das maus; un d'iles leva na man un cinto (cinturón de cuero, correa), envolto e procura poñelo tras dos pés d'un, namentras vai decindo arredor: «cinto queima, cinto queima, cinto queima, que deixa de queimar, etc.»; si o rapaz do cinto deixou iste atrás d'un e consigue collelo de novo sin que iste se decate, iste ten que salir correndo arredor do circo, recibindo os cinteirazos que o outro lle pega, non dando mais que unha volta, e sigue o mesmo dono do cinto repetindo o mesmo traballo. Mais si un se decata de que lle poñeron o cinto detrás, cólleo e corre a cinteirazos a quen llo deixou, hasta que iste pudo meterse a ocupar o sitio que deixou aquil no circo.

Garbanzos tostaus.

É un xogo de mozos e mozas, xógase no Inverno; faise un circo collidos das maus; un quédase fora e camiña arredor do circo; de repente pégalle, tan despazo ou tan forte como poda e calquera, a quen queira mellor ou pior, e sale correndo arredor do circo, decindo:

—Garbanzos tostaus.

—Cocidos e asaus —diz o que levou o po-

ñetazo que agora pégalle a il si pode da misma maneira.

—A cómo los vende? (o a cómo la arroba).

—A rial o bocau.

—¿Pra cántos?

—Pra tantos... (dous, tres, catro, etc. e vaise tras il, hasta que dá igoal número de voltas, recebindo puñetazos si o outro llos pode dar. O que vai diante cerra o circo, e o que vai detrás comenza a mesma labor que fixera o outro).

A china.

Séntanse no chán, mozos e mozas, co-as pernas estiradas, uns diante d'outros; dous quédanse de pé, un d'iles ten «a china» (unha pedriña) quen ha de deixar ista metida no regazo d'unha muller ou na gorra que os homes poñen de esprofeso, mais como il mete as mans en todos os regazos, decindo «Gardala, gardala, gardala ben», non é fácil saber onde a deixou. Ao concluir, pregunta: —¿Quen ten a china»? —Fulano.

Si non acerta, ten que repetir, e si non, a persoa sentada que tiña a china vai a facer de acertador, o acertador primeiro gardará a china, e o gardador primeiro séntase no sitio d'outro.

O abarqueiro.

É un xogo d'inverno, e de mozos; xógase nos corrales ou nos portales, poucas veces nas prazas, pois ten que estar o chan seco, xa que o xogo faise formando circo, de rodillas, pegados uns aos outros. No medio ponse un que por encima dos hombros dos que forman o corro (circo) verá quen ten a barca, pois ista pasa de man en man por fora do corro; de repente sacúdenlle nas costas un abarqueiraza, e il diríxese alí e bótalle a man, mais ten que ser un donicela pra collela, pois a abarca circula rapidamente, e mentras mira por eiquí xa lle sacuden outra vez, habendo algún que ten que botalo fora por lerdo.

Hoxe xógase con a sola d'unha alpargata, pero n-outros tempos debeu xogarse con abarcas (xa non se usan), e de ahí o nome.

Os mozos namentras fan circular a alpargata, dicen ao unísono: «corre, corre, corre...»

Soin xogal-os mozos tamén ás noites ao salir da escola, a veces no mismo camiño, poñendo a gorra de alfombra pra non mancar as rodillas.

Cando hai algún mozo «guapo» póñense de acordo os outros, e andan no xogo duas alpargatas; entonces non hai peligro de que a pesque, pr'o hai peligro de que descubra a trampa se cando está vendo unha lle sacudiron co-a outra.

A cigüeña.

A cigüeña non abonda moito no norte do Bierzo; alí, en Uzeiro fixo niada pitos anos atrás; un tolo que habia no povo (Luís «o mouro») subeu á copa do negrillo, púxolle uns trapos na niada, a cigüeña anoxouse, e dende entón fai a niada nos chopos de Veiga de Espiñeireda (Vega de Espinareda), na mesma orela do río Cúa.

Os campesinos queren moito á cigüeña, poucas veces se pousa, pero tanto cando esta a yunta pousada como cando pasa voando, os rapaces fan iste estribillo:

«Cigüeña, barreña,
a casa te queima,
os fillos se van
pra Val de pan.

Entón a cigüeña apresura o voo, e os campesinos corren aos rapaces.

O ergueiro.

Cando nos cai broza nos ollos, que non sexa moita, xuntamos as pestanas, e decimos:

«Corre, Maria, corre
a sacarme un ergueiro,
que si non ven San Pedro
a sacarmeo primeiro».

Mirlo (merlo), se lle chama «cochorra».

Tórtola (creo que a rula), se lle chama «rola».

Gorrión: se lle chama «pardal».

O corno de Alicor.

Un veciño ten un corniño, pequeniño (corno do Alicor ou alicornio); é propiedade do pobo, mais o ten ese veciño, porque il é o que sabe usalo (morreu o que o tiña: tío Tiadoro). Cando morde unha donicela (1) lávase a llaga con augua por donde pasou o corno do alicornio, facendo unha misteriosa oración e unhas cruces que naide entende.

A rabia.

Pra inmunizarse contra a rabia, vai a xente ao pobo de Fontes Novas (Fuentes Nuevas: no mismo Bierzo) (non sei se será no pobo de Santoñana—que non sei donde queda—en vez de Fontes Novas), e co-a chave de San Bernardo enroxecida fanlle unha cruz na frente a aquil que se sospeita que fose mordido.

Calabazas.

Recíbeas o que fai unha decraración de amor e non é correspondido; recíbeas o que vai a esaminarse na dotrina e ten que volver (o aplazado).

Comunicados por

SEBASTIÁN GUERRERO

Bós Aires.

(1) É verdade que morde? Morderá, mais veneno non ten'

Imprenta NÓS, Real, 36-1.º A CRUÑA

Non deixe d'adequerir

SEGUNDO LIBRO DE COUSAS

por CASTELAO

F. ROMAN E SACO

DROGUERIA e FARMACIA

Pereira, 19 — OURENSE — Teléfono 28

A hixiene nos nenos

é a garantía da sua saúde física e moral o día de mañá.

No diario aseo dos nenos emplee o **"Jabón Sales de la Toja"**, único que ás suas altas calidades meiciñás xunta toda a finura e prefume d'un xabón de tocador.

Contribuie ô perfeito desenrolo das criaturas e evita o perigo da escrófula e o raquitísmo.

1pta PASTILLA

JABÓN LA TOJA

ÚNICO EN EL MUNDO

O Xabrón da Toxa é o mellor. Honra á Galicia no mundo enteiro

P A R D O

ÓPTICO CENTÍFICO

Preguntoiro, 32 — SANTIAGO

San Andrés 50 — A CRUÑA,

CASA EISCRUSIVAMENTE ADICADA A ÓPTICA CENTÍFICA

FOTOGRABADO

Si quer qu-os seus fotograbados sexan o mais perfeito posibres, convenlle enviatos aos

Talleres de fotograbado ESPASA-CALPE S. A.

Ríos [illegible] Apartado, 547 MADRID

Droguería e Farm[illegible] Re[illegible]

LUIS FÁBR[illegible]

Progreso, esquina a [illegible]

OURENSE

MERQUE VOSTEDE

Plumeiros **RAFIUM**

[illegible] mais dura qu'os de pruma e limpan millor. Véndese en todol-os estabrecimentos do ramo

Andrés Perille - OURENSE

BODEGAS GALLEGAS, PEARES E OURENSE

Viños finos de mesa: Tinto TRES RIOS. Blanco BRILLANTE

LOS GALLEGOS blanco e tinto

Macía e Valeiras, Apartado 18 - Ourense

Sanatorio Quirúrgico de San Lorenzo

SANTIAGO DE GALICIA

DE LOS PROFESORES

D. Fernando Alsina y **D. Antonio M. de la Riva**

CIRUJANO — **GINECÓLOGO**

Establecimento dotado de todol-os elementos que exixen a terapéutica e a hixiene modernas, situado nas aforas da poboazón, moi cerca do paseo da Ferradura

Teléfono número 195

Pra detálles, calquera dos Direitores ou o Médico interno